



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**AMANDA BASTOS CERQUEIRA ARNOUD**

**FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA E A (DES)VALORIZAÇÃO DA  
DOCÊNCIA NO BRASIL.**

Abaetetuba-PA

2022

AMANDA BASTOS CERQUEIRA ARNOUD

**FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA E A (DES)VALORIZAÇÃO DA  
DOCÊNCIA NO BRASIL.**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado a Faculdade de Educação e Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: João Paulo da Conceição Alves

Abaetetuba - PA

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)**

---

A765f Arnoud, Amanda Bastos Cerqueira.  
Formação inicial e continuada e (des)valorização da  
docência no Brasil. / Amanda Bastos Cerqueira Arnoud. —  
2022.  
17 f.

Orientador(a): Prof. Dr. João Paulo da Conceição Alves  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de  
Abaetetuba, Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2022.

1. Formação inicial . 2. Formação continuada. 3.  
Desvalorização docente . I. Título.

CDD 370

---

AMANDA BASTOS CERQUEIRA ARNOUD

**FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA E A (DES)VALORIZAÇÃO DA  
DOCÊNCIA NO BRASIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do Grau de  
Licenciada em Pedagogia, Universidade Federal  
do Pará.

Orientador: João Paulo da Conceição Alves

**APROVADA EM:** 11/07/2022

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. João Paulo da Conceição Alves**  
**Orientador – FAECS/UFPA.**

---

**Prof. Dr. Alexandre Augusto Cals e Souza**  
**Examinador Interno – FAECS/UFPA.**

*A Deus que é o meu maior suporte,  
a minha mãe Enilsa sem a qual eu nada  
seria, aos meus amigos que me apoiaram,  
me incentivaram e diminuíram o fardo  
durante esses anos, e a mim por apesar  
das dificuldades não desistir.*

## **FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA E A (DES)VALORIZAÇÃO DA DOCÊNCIA NO BRASIL.**

**Amanda Bastos Cerqueira Arnoud**

**Orientador: Prof. Dr. João Paulo da Conceição Alves**

**RESUMO:** A presente pesquisa tem como tema a formação inicial e continuada e a (des)valorização da docência no Brasil, tem como objetivo analisar e refletir sobre a produção teórica lida, relacionando-a com a realidade dos dados coletados, sobre a formação de professores dos anos iniciais e a desvalorização desse profissional no Brasil. Para o desenvolvimento do trabalho realizou-se pesquisa de cunho bibliográfico, além da realização de uma pesquisa de campo, por meio de entrevistas e questionários com docentes dos anos iniciais. O trabalho aborda o processo da formação docente, e a formação continuada desse profissional e ainda a perceptível desvalorização dos professores na sociedade brasileira. Com a pesquisa observa-se que os docentes ainda sentem falta de prática nos cursos superiores de pedagogia e que ainda algumas instituições não oferecem formação continuada para seus profissionais. E fica evidente ainda, a necessidade da valorização do profissional docente para a melhora do sistema educacional brasileiro.

**Palavras-chave:** Formação inicial. Formação continuada. Desvalorização docente.

**ABSTRACT:** The present research has as its theme the initial and continuing education and the (de)valuation of teaching in Brazil, it aims to analyze and reflect on the theoretical production read, relating it to the reality of the data collected, on the training of teachers of the initial years and the devaluation of this professional in Brazil. For the development of the work, a bibliographic research was carried out, in addition to conducting a field research, through interviews and questionnaires with teachers from the early years. The work addresses the process of teacher education, and the continuing education of this professional and also the perceptible devaluation of teachers in Brazilian society. With the research it is observed that teachers still lack practice in higher education courses and that some institutions still do not offer continuing education for their professionals. And it is also evident the need to value the teaching professional for the improvement of the Brazilian educational system.

**Keywords:** Initial formation. Continuing training. Teacher devaluation.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como tema a formação inicial e continuada e a (des)valorização da docência no contexto brasileiro, para o desenvolvimento do trabalho realizou-se pesquisa de cunho bibliográfico, além da realização de uma pesquisa de campo, por meio de entrevistas (presenciais) e questionários enviados e recebidos respondidos via aplicativo de mensagens, com professoras que atuam na educação básica, sendo duas atuantes em escola pública e duas na rede privada. Com o objetivo de analisar e refletir sobre a produção teórica lida, relacionando-a com a realidade dos dados coletados pela pesquisa de campo, no que concerne inicialmente à formação de professores dos anos iniciais.

Desde o primeiro estabelecimento destinado à formação de professores, instituído por São João Batista de La Salle em 1684, a formação docente passou e passa por modificações, a relevância e o reconhecimento do profissional docente também se transformam no decorrer do tempo, ora reverenciado, ora temido, ora menosprezado. A primeira instituição de ensino foi chamada de Escola Normal, era destinada a formar professores capazes de instruírem a população para o trabalho nas fábricas e indústrias, foi instalada em Paris, em 1795.

Sabemos que durante a formação inicial do docente muito se estuda e se aprende, porém, sabemos também que é uma profissão que requer constante e permanente estudo, sendo necessário que esses profissionais tenham acesso à formação continuada, que no ambiente escolar deve ser disponibilizada pela coordenação pedagógica. Essa formação contínua, é de suma importância para uma constante melhora no processo de ensino e aprendizagem.

Em nosso país, se tratando do processo educacional, há muito o que melhorar. Entre essas melhorias, a questão da valorização dos docentes, que são muitas vezes tidos por incompetentes e vagabundos (quando reivindicam melhorias profissionais). O sentimento de desconfiança criado sobre este profissional, em decorrência de políticas públicas conservadoras, contribui para a desvalorização desse profissional, o que por sua vez, gera resultados negativos para educação de crianças e jovens brasileiros e futuramente a toda uma nação. Em contrapartida, a valorização desse profissional, pode gerar inúmeras mudanças positivas para a sociedade.

Nesse contexto, o presente estudo irá abordar o processo histórico da formação docente, além da formação continuada desse profissional e ainda a perceptível desvalorização dos professores na sociedade brasileira, tratando de políticas que viabilizam essa desvalorização e trazendo possíveis medidas que possam contribuir para melhora educacional brasileira.

### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para a realização da presente pesquisa, utilizamos os métodos de pesquisa bibliográfica, que de acordo com Severino (2007, p. 122), “é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos. [...] Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados”, e pesquisa de campo, de forma a poder relacionar as produções teóricas lidas, com a realidade percebida por meio da coleta de dados obtida pelas técnicas de entrevista e questionário, realizados com professoras da educação básica, optou-se por identifica-las por suas iniciais, professoras J.R., M.C., A.P. e D.B., as mesmas aceitaram contribuir com as entrevistas e questionários. As duas entrevistas foram feitas de forma semiestruturada, individual, obedecendo às recomendações da OMS (Organização Mundial da Saúde) em decorrência da pandemia do coronavírus, mantendo-se o distanciamento social de 1 metro e o uso de máscaras. Os questionários, foram realizados através de rede social de mensagens instantâneas.

De acordo com Severino (2007) a entrevista é uma técnica usada para obter informações sobre algum assunto solicitado pelo pesquisador ao sujeito da pesquisa, significando uma relação de interação entre pesquisador e pesquisado. O pesquisador tem por objetivo conhecer aquilo que os sujeitos pesquisados pensam, sabem, fazem e argumentam.

Ainda de acordo com Severino (2007 p. 125) “O questionário é o conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo”.

Os sujeitos da pesquisa foram 4 professoras, sendo uma da rede pública de ensino e 3 da rede particular, todas localizadas na zona urbana do município de Barcarena:



- 1) Professora “M.C.”, tem formação em Magistério no ano de 1991 pelo IEEP (Instituto Estadual de Educação do Pará), e uma Licenciatura em Pedagogia concluída no ano de 2001 pela UEPA (Universidade Estadual do Pará).
- 2) Professora “A.P.”, tem Licenciatura em Pedagogia (2010 - 2014) pela UFPA (Universidade Federal do Pará). Começou a atuar na docência desde o ano 2011. A professora já atuou no jardim I e II, atualmente está no maternal II.
- 3) Professora “J.R.”, tem Licenciatura em Pedagogia pela UEPA (2017 - 2021). Atua na Educação infantil desde o início de 2021, trabalhando com três turmas em uma mesma sala de aula, Maternal I, II e Jardim I em escola da rede privada.
- 4) Professora “D.B.”, tem formação em Magistério, e Licenciatura em letras, concluída em 2014, a docente já atua na educação básica há 18 anos, já atuou em creches, coordenação pedagógica, em todas as séries do 1º ao 5ºano e também na educação de jovens e adultos.

Não tivemos dificuldades para conseguirmos professoras para serem entrevistadas, as professoras mostraram-se solícitas em colaborar com a pesquisa.

### **FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES – ASPECTOS HISTÓRICOS**

Historicamente, a formação e preparação formal para professores para a educação básica, perpassa por diversos momentos até chegar à atualidade, com o curso de Licenciatura em Pedagogia, instituído no ano de 1939.

Segundo Duarte (1986 apud SAVIANI, 2009, p. 143), “o primeiro estabelecimento destinado à formação de professores teria sido instituído por São João Batista de La Salle em 1684, em Reims, com o nome de Seminário dos Mestres”. Entretanto, surgiu uma importante questão social após a Revolução Francesa, que era sobre a instrução da população em geral. Para resolver esse problema, é criada a primeira instituição de ensino destinada a formar e preparar professores para que estes preparassem a população para o trabalho nas fábricas e indústrias, essa instituição foi chamada de Escola Normal, instalada em Paris, no ano de 1795. No século XIX, países como Itália, Alemanha, Inglaterra e os Estados Unidos também adotaram as Escolas Normais para a formação de professores.

No Brasil, a preocupação com a formação de professores surgiu após a Independência, também para responder à problemática da instrução popular. A capacitação profissional para professores se inicia, segundo Gatti (2010 apud GOMES et al, 2019, p. 01) “com a formação de docentes para o ensino das ‘primeiras letras’ em cursos específicos, sendo proposta no final do século XIX, com a criação das

escolas normais, que correspondiam, na época, ao nível secundário e, posteriormente, ao Ensino Médio. ”

Em suma, no que se refere à formação inicial para professores no Brasil, Saviani (2009, p. 143 - 144) identifica seis períodos históricos:

1: Ensaio intermitentes de formação de professores (1827-1890). Esse período se inicia com o dispositivo da Lei das Escolas de Primeiras Letras, que obrigava os professores a se instruir no método do ensino mútuo, às próprias expensas; estende-se até 1890, quando prevalece o modelo das Escolas Normais. 2: Estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais (1890-1932), cujo marco inicial é a reforma paulista da Escola Normal tendo como anexo a escola-modelo. 3: Organização dos Institutos de Educação (1932- 1939), cujos marcos são as reformas de Anísio Teixeira no Distrito Federal, em 1932, e de Fernando de Azevedo em São Paulo, em 1933. 4: Organização e implantação dos Cursos de Pedagogia e de Licenciatura e consolidação do modelo das Escolas Normais (1939-1971). 5: Substituição da Escola Normal pela Habilitação Específica de Magistério (1971-1996). 6: Advento dos Institutos Superiores de Educação, Escolas Normais Superiores e o novo perfil do Curso de Pedagogia (1996-2006).

No que se refere à legislação, pode-se verificar uma flexibilização relacionada à formação docente em níveis médio e superior, definindo graus para o exercício da docência das séries iniciais de escolarização (grau mínimo: médio normal) e o nível considerado ideal, desejável, que seria o ensino superior. A LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) define, em seu artigo 62, que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (BRASIL, 1996)

Nesse contexto, podemos identificar essa exigência de formação inicial, na formação das entrevistadas: M. C. possui formação em magistério realizado no ano de 1991 e Pedagogia no ano de 2001; a docente J. R. se formou em Pedagogia, no ano de 2021; a docente A. P. possui formação em Pedagogia realizada no ano de 2014; e a docente D.B. formada em magistério e Licenciatura em Letras no ano de 2014.

A docente A. P. relata na entrevista que, ao conviver e trabalhar com professoras que possuem formação inicial em Magistério, notou algumas diferenças em relação ao curso de Pedagogia. Sobre o que mais lhe marcou durante o seu curso superior de pedagogia a professora respondeu:

Foram os professores, da faculdade, eles eram muito atuantes na questão de pesquisa e eles traziam muita novidade “pra” gente. E fora os debates que a gente tinha, a gente não tinha assim uma aula, na verdade o professor não dava aula, ele fazia a gente pesquisar, “pra” depois debater, eu acho que era assim que a gente aprendia mais. (PROFESSORA A.P., 2021)

Porém, a mesma professora destaca em sua fala que sentiu a necessidade de atividades práticas na sua formação inicial na licenciatura plena em pedagogia, prática esta que era muito explorada nos cursos de magistério.

Faltou eles darem métodos [...] “pra” gente trabalhar em sala de aula, porque no magistério eles ensinavam, era o que as outras professoras falavam, elas aprenderam como dar aula [...]. Eu acho que é o que falta no curso de Pedagogia [...], o método do magistério funcionava. As professoras aprendiam tudo antes de ir para uma sala de aula. (PROFESSORA A.P., 2021)

Na fala da professora J.R., podemos ainda perceber que de fato as experiências vivenciadas no campo em que esses profissionais irão atuar, tem grande relevância na formação desses docentes.

As coisas que mais me marcaram durante o curso de pedagogia foram as experiências e as pesquisas de campo realizadas, tivemos a oportunidade de ir em escolas públicas da periferia, observando uma realidade difícil daqueles alunos, mas com profissionais esforçados que buscavam fazer o melhor por cada sujeito dentro e fora do ambiente escolar. (PROFESSORA J.R., 2021)

Com as respostas das entrevistadas podemos afirmar, a importância de todo o conhecimento teórico e científico abordados e discutidos nas salas de aula do ensino superior dos cursos de pedagogia. Entretanto, assim como o conhecimento teórico, as professoras destacam a importância da presença da prática, as experiências proporcionadas pelas pesquisas de campo durante o curso, em conhecer a realidade das escolas que futuramente serão seus locais de atuação.

### **A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA ESCOLA**

Sobre a formação continuada de professores, sabe-se que sua importância e necessidade está não só no intuito de melhorar a prática do professor de sala de aula, mas, também, no que se refere à melhora da qualidade do ensino-aprendizagem na instituição escolar. Então, o docente deve estar em constante aprendizado, não deve estagnar na formação inicial. É necessária uma formação contínua de aperfeiçoamento e atualização dos saberes e práticas pedagógicas.

O papel da escola, nesse contexto, é promover projetos e ações de formação continuada na própria instituição para seus professores. Entretanto, o professor não

deve atribuir a responsabilidade de sua formação apenas à instituição, pois também deve responsabilizar-se pela continuidade de seu ensino-aprendizagem e aperfeiçoamento de seus métodos e práticas pedagógicas. Franco e Campos (2016, p. 65 - 66) dizem que a formação contínua exige que, no que se refere a organização e execução das atividades e projetos de formação, sejam “cada vez mais autônomos, pautados pela avaliação dos sujeitos envolvidos (professores, educadores, coordenadores, diretores, supervisores, pais e alunos) em processos de formação individual e coletiva, ao promover a identidade institucional de cada escola. ” Assim, estes – a escola e o docente – são os principais responsáveis e beneficiados no que se refere à realização de atividades voltadas para a formação contínua, visto que tais ações visam o desenvolvimento tanto profissional quanto institucional.

Ao questionarmos às quatro docentes se, na escola em que trabalham atualmente, há projetos e ações voltados para a formação continuada para os professores, as docentes M. C., J. R. e D. B. informaram que, sim, a escola proporciona a formação contínua. E a forma pelo qual tais formações se desenvolvem são por meio de palestras, cursos online e/ou projetos na própria instituição. Entretanto, a docente A. P. relata que na escola particular em que trabalha, “não tem. A escola não coloca isso lá. E a gente procura fazer os cursos gratuitos, pra gente aprender um pouquinho mais, mas a escola mesmo, não. Ela não proporciona isso. ”

As autoras Franco e Campos (2016 apud LIBÂNEO, 2003), afirmam ser função da gestão da instituição escolar e também de todos que lá trabalham, a implementação e promoção de atividades e projetos voltados para a formação contínua, sendo o coordenador pedagógico o profissional incumbido de realizar a efetivação de tais ações no ambiente escolar. Franco e Campos (2016, p. 71) dizem ainda que, “caso a escola não esteja conseguindo desempenhar suas funções a contento [...], é preciso transformá-la”, uma transformação que não se dá de forma individualizada, é necessário pensar e agir no coletivo e de forma contextualizada. Nesse sentido, como afirmam Franco e Campos (2016), a formação de professores é considerada aspecto determinante para a implementação de políticas públicas para educação básica.

Na resposta da professora D. B., sobre a formação contínua de professores na escola pública em que atua, pode-se verificar que a docente vê a formação contínua

como algo benéfico não só para o professor, como para a instituição num todo, e, principalmente, para os educandos. A educadora diz o seguinte:

[...] São formações que a gente vai ganhar pra que a gente possa avançar um pouco, né? Em decorrência da pandemia, nós estamos, as crianças estão muito atrasadas. E esse projeto ele vem nos ajudar [...], e isso vai ser bom para o nosso currículo e para as crianças. (PROFESSORA D. B., 2021)

Mais adiante no relato da docente, nota-se a presença do coordenador pedagógico como agente formador, responsável pela implementação e efetivação dos projetos e atividades de formação contínua na escola. Segundo a docente, sobre as formações das quais participou na instituição:

[...] é o formador de educação mesmo, professor Arnaldo (nome fictício do coordenador pedagógico da escola) e professora Rosa (nome fictício) que dão a formação. Uma vez ou outra vem uns palestrantes de Belém ou outro município, mas as formações são dadas mesmo pelos profissionais da educação do próprio município. ” (PROFESSORA D. B., 2021)

Por fim, reafirmamos a importância e necessidade de uma formação contínua, coletiva e individual, que promova troca de experiências e métodos entre os docentes, além de aprimoramento de seu trabalho pedagógico, desenvolvimento e atualização profissional, auxiliando o “desenvolvimento profissional político e cultural do docente e a construção de uma escola voltada para uma educação que fecunde a emancipação, a ética, a solidariedade, o respeito, a justiça e a autonomia. ” (FRANCO; CAMPOS, 2016, p.66)

## **DESVALORIZAÇÃO DO PROFISSIONAL DOCENTE**

Em nossa pesquisa as professoras entrevistadas quando questionadas se consideravam que no Brasil há a valorização dos docentes, foram unânimes em responder que a profissão docente é desvalorizada no Brasil, resultado que não nos surpreende pelo que vivenciamos em nossa sociedade, onde além dos salários baixos, o professor é muitas vezes desrespeitado por alunos, responsáveis, gestores das escolas.

“Não há valorização, primeiro, o salário é muito baixo, o professor, ele estuda muito, lógico que todas as áreas estudam bastante, mas o professor ele vive em constante estudo, traz o trabalho para casa, ele trabalha praticamente 24 horas, e não é valorizado, não recebe por isso, nessas escolas menores que a gente trabalha, principalmente na rede particular, na rede pública até que ganha um pouquinho mais, mas na rede particular não, eles pagam o que eles querem e a gente vai porque, não tem outra opção, mas não recebe, mas não recebe mesmo não, de jeito nenhum, fora os pais que também não valorizam. ” (PROFESSORA A.P., 2021)

Na sociedade brasileira, os professores são mal remunerados considerando a fundamental importância desse profissional na construção da sociedade, demonstrando a desvalorização da classe docente que é evidenciada quando se compara a discrepância salarial com outras profissões. O que muitas vezes acaba por desmotivar esses profissionais. (SOUZA; BRASIL; NAKADAKI, 2017).

É nesse sentido, que pessoas são desmotivadas e desencorajadas a seguirem a carreira docente como podemos verificar na fala da Professora J.R. (2021):

“A desvalorização da profissão é grande, observa-se isso pela faixa salarial do professor e falas diárias como “nossa, você é professora?”, “Não quero ser professor, ganha pouco”. Em diversos momentos durante meu curso, recebi palavras falando mal da profissão e “conselhos” para buscar outra que me proporcionasse algo melhor.”

O exercício da docência durante sua história foi por vezes estimada e temida (como no tempo de Comenius), por vezes desqualificada sob “o jugo de uma culpabilização social extrema”. Porém, mesmo com as mudanças em relação à profissão de acordo com o contexto histórico em que está inserida, existe o reconhecimento de que o papel do docente é essencial para a construção do processo de ensino-aprendizagem, sendo responsáveis pela inserção dos sujeitos na sociedade. (SOUZA; BRASIL; NAKADAKI, p. 60, 2017).

Todavia, de acordo ainda com essas autoras, mesmo que o papel do docente seja consolidado, o reconhecimento desse profissional é irrisório comparada a real importância do papel desempenhada pelos professores. As possibilidades que esses profissionais podem desenvolver com seus educandos são infindáveis desde que se tenha condições de trabalho apropriadas e que seu trabalho seja valorizado.

Dentro desse cenário de desvalorização e desqualificação do magistério, existem ainda estudos que afirmam que a remuneração dos profissionais da docência não é baixa, considerando que estes trabalham menos horas por semana que demais profissionais. Essa desvalorização é ainda mais evidente quando se trata de professores da educação infantil, muitas vezes é atribuído que trabalhar com crianças é algo fácil, ou simples. Desse modo, essas afirmações desconsideram todo um trabalho que é realizado para além da sala de aula, o tempo que é destinado a questões pedagógicas e burocráticas, e ainda a dupla jornada de trabalho seja formal ou informal. Muitas vezes esses profissionais acabam por fazer jornada dupla,

trabalhar em dois períodos ou em mais escolas para complementar sua renda que não é suficiente para se manter uma vida digna. (SOUZA; BRASIL; NAKADAKI, 2017)

“Valorização em si não existe, a gente é uma classe um pouco que esquecida, [...] sabemos que é uma classe que trabalha muito, mas o salário não é compatível com tudo que a gente faz, por isso que muitas vezes muitos professores são desmotivados a trabalhar de forma que vá mesmo se doar completamente, porque as vezes um professor precisa fazer outro tipo de trabalho, tem professores que para atender as suas necessidades básicas de casa ele precisa trabalhar em três ou quatro escolas, então ele precisa estar em um local, a tarde precisa estar em outro local, e a gente sabe que a partir daí o trabalho não é um trabalho bem feito.” (PROFESSORA D. B., 2021)

Outro aspecto importante e fundamental a ser abordado em relação à desvalorização dos professores, são as chamadas políticas conservadoras, seus representantes, defendem uma reforma educacional alicerçada sob pressupostos neoliberais. Assentados nas ideias de que:

- a) A descentralização da gestão administrativa possibilita o aumento da eficácia e da eficiência do funcionamento das escolas e facilita o processo de prestação de contas baseado no conceito de responsabilidade, “accountability”; b) é necessário definir-se um currículo nacional, que estabeleça uma base comum de conteúdos para a educação básica; c) a qualificação de professores é tarefa essencial, exigindo dos professores das séries iniciais uma formação em nível superior, investindo-se ao mesmo tempo na continuada (TORRES, 1996 APUD SANTOS, p. 1148, 2004).

Segundo Oliveira (2020) as políticas conservadoras valem-se de estratégias que tem por objetivo reprimir a autonomia docente. Entre estas, a estratégia de “instituir o medo e a desconfiança como mecanismo de controle” (p. 8, 2020), que pretende colocar os atores sociais do ambiente escolar uns contra os outros, criando um ambiente de ódio, medo e desconfiança. Muitas vezes essas campanhas já encontram uma escola abatida pela cultura da performatividade, determinada pelas políticas de accountability, “que instituem processos de culpabilização e de responsabilização dos professores pelo desempenho dos estudantes” (OLIVEIRA, p. 10, 2020). Dessa forma, a escola é pressionada a atingir metas de resultados, que consiste em garantir uma média alta no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), isso enfraquece a escola como um ambiente de construção coletiva, deixa de buscar a atender suas demandas internas, para suprir demandas externas.

Cientes de que a profissão da docência não é valorizada em nosso país. As políticas de accountability, contribuem ainda mais para essa desvalorização, isso

porque o trabalho do docente é posto sob dúvida, gera-se uma desconfiança sobre suas práticas, até sobre sua competência, já que ele é exposto a uma auditoria. Isso por sua vez tende a diluir a identidade do docente e a legitimidade de trabalho. Nesse sentido, o professor é usado de “bode expiatório”, no sentido de que todos os resultados negativos que se apresentarem na educação recairão unicamente sobre o professor(a). Somente ele é responsabilizado pelo desempenho dos estudantes. (OLIVEIRA, 2020)

De acordo com Cericato (2016, apud SILVA; ABREU, 2020), o problema da desvalorização da profissão da docência não tem uma solução fácil ou direta, é importante considerar o contexto das políticas educacionais, que favoreçam a atratividade de bons profissionais.

É importante que se tenha a compreensão de que para melhorar a qualidade da educação no Brasil, é fundamental que haja a valorização dos professores, necessita-se de acordo com Saviani (2009), fazer da docência uma profissão atraente socialmente, com melhoria salarial, boas condições de trabalho, de forma a atrair sujeitos predispostos a dedicar seu tempo, recursos e energias para se qualificarem de maneira eficaz por meio de longas graduações e pós-graduação.

É nesse sentido, que se tendo no mercado profissionais altamente qualificados e sobretudo motivados, que possam atuar e se dedicar de forma íntegra a uma única escola, o professor poderá enfim formar cidadãos que sejam conscientes, críticos, criativos e competentes para ocupar suas funções no mercado de trabalho. Fazendo com que nosso país, melhore e evolua em sua capacidade produtiva, podendo se tornar uma potência.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nos autores aqui utilizados e as entrevistas realizadas, nota-se que a formação inicial de professores perpassa por vários períodos e formas até chegar ao atual curso de licenciatura em pedagogia, ao qual também tem enfrentado momentos instáveis quanto a tentativas de desmembramento deste, o que fere as lutas que ocorreram para a melhoria da formação inicial docente.

Sobre a educação continuada, verifica-se que ainda há muito o que se avançar na realização de projetos e atividades, principalmente por parte da instituição, pois



muitas escolas não se preocupam e manter a formação do profissional docente. Reconhecemos que a formação continuada não é responsabilidade só de um, e, sim, tanto da escola quanto do profissional, entretanto os dois lados devem cumprir tal responsabilidade, só assim é possível promover as atualizações e melhorias necessárias à prática pedagógica e ao ambiente escolar, visando e buscando cada vez mais qualidade no ensino-aprendizagem dos educandos.

Dada a importância da profissão docente para a/na educação e processo de ensino-aprendizagem, podemos constatar com as entrevistas realizadas, que a profissão docente, apesar de toda a obrigatoriedade por lei da formação inicial e continuada, e necessidade de estar em constante formação, o professor não tem retorno satisfatório de toda a sua dedicação, determinação. Isto verifica-se, principalmente, de forma unânime nas falas das entrevistadas ao relatarem a desvalorização do professor, demonstrada pelo baixo salário e comentários de desmotivação que as mesmas recebem desde sua formação inicial.

Constatamos ainda que, independentemente de a formação inicial ser magistério ou pedagogia, ou outra licenciatura, as professoras relatam as mesmas dificuldades quanto à união de prática e teoria. Dificuldade que pode ser superada com uma reformulação do currículo na formação inicial docente, este sendo um desafio frente à realidade política, social e educacional dos dias atuais – onde se vê pouco investimento no que se refere à educação de modo geral, dificultando o processo de formação tanto inicial quanto contínua do professor.

Defendemos e buscamos a valorização profissional docente, seja por meio de garantia de um salário justo e/ou por reconhecimento em meio a sociedade e autoridades. Visto que o professor é um dos atores principais no que diz respeito à educação em qualquer lugar no mundo e, no Brasil, não difere, apesar dos discursos de desmotivação que, geralmente, estudantes de licenciaturas recebem durante sua formação.

Acreditamos, ainda, que se o que se deseja é melhorar a educação, incentivar e dar todo o suporte necessário para a formação de professores, especialmente por meio de leis e projetos, é um dos pontos prioritários, torna-se necessário, então, que aja mecanismos de motivação e valorização docente tanto por meio dos governantes, secretárias de educação quanto por parte da sociedade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm).

DE SOUZA, Júlia Braga Rodolfo; BRASIL, Marina Augusta de Jesus Silva; NAKADAKI, Vitória Evelin Pignatari. **Desvalorização docente no contexto brasileiro**: entre políticas e dilemas sociais. Ensaios Pedagógicos, v. 1, n. 2, p. 59-65, 2017. Disponível em: <http://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/40>. Acesso em: 03/10/2021.

FRANCO, Maria Amelia do Rosário Santoro; CAMPOS, Elisabete F. E. **A COORDENAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA ESCOLA: PROCESSOS E PRÁTICAS**. São Paulo: Editora Universitária Leopoldianum, 2016.

GOMES, Manoel Messias; GOMES, Francisco das Chagas; ARAUJO NETO, Benjamim Bento de; MOURA, Nieve Dagraça de Sousa; MELO, Severina Rodrigues de Almeida; ARAUJO, Suelda Felício de; NASCIMENTO, Ana Karina do; MORAIS, Lourdes Michele Duarte de. **Reflexões sobre a formação de professores**: características, histórico e perspectivas. Revista Educação Pública, v. 19, nº 15, 6 de agosto de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/15/reflexoes-sobre-a-formacao-de-professores-caracteristicas-historico-e-perspectivas>.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **A LDB e as instituições de educação infantil**: desafios e perspectivas. Ver. Paul. Educ. Fís., São Paulo, supl. 4, p. 7-14, 2001. Disponível em: <https://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v15%20supl4%20artigo1.pdf>.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Políticas conservadoras no contexto escolar e autonomia docente**. Práxis Educativa (Brasil), v. 15, p. e2015335, 2020. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15335>.

SANTOS, Lucíola Licínio de CP. **Formação de professores na cultura do desempenho**. Educação & Sociedade, v. 25, p. 1145-1157, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/sZHrDhGjzhYX6MBbJ68Kjqt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 04/10/2021.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores**: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Revista brasileira de educação, v. 14, p. 143-155, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. Ver. E atual., São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Eloisa Arruda; ABREU, Sandra Eliane Aires de. **A DESVALORIZAÇÃO DA PROFISSÃO DOCENTE NO BRASIL**. 2020. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/11268/1/ELOISA%20-%20ARTIGO%20APOS%20A%20APRTESENTA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 03/10/2021.